

**RANIERO CANTALAMESSA**



**2023**  
**PREGAÇÕES DO ADVENTO**

Editado por



**Pregações do Advento  
à Cúria Romana  
2023**

**Cardeal Raniero Cantalamessa**

Tradução de Fr. Ricardo Farias, OFMCap

Fonte:

*<https://www.vaticannews.va>*

## Primeira Pregação

### VOZ DE QUEM CLAMA NO DESERTO

#### João Batista, o moralista e o profeta

Na liturgia do Advento, nota-se uma progressão. Na primeira semana, a figura de destaque é o profeta Isaías, aquele que anuncia de longe a vinda do Salvador; no segundo e terceiro domingos, o guia é João Batista, o precursor; na quarta semana, a atenção se concentra toda em Maria. Este ano, tendo apenas duas meditações à disposição, pensei dedicá-las aos dois: ao Precursor e à Mãe. Nas iconóstases dos irmãos Ortodoxos, os dois estão um à direita e o outro à esquerda de Cristo e, frequentemente, são apresentados como dois “repcionistas” dos lados da porta que introduz ao recinto sacro.

#### João Batista, pregador de conversão

Nos Evangelhos, o Precursor nos aparece em dois papéis diversos: o de pregador de conversão e o de profeta. Dedico a primeira parte da reflexão a João moralista, a segunda, a João profeta.

Alguns versículos do Evangelho de Lucas são suficientes para nos dar uma ideia da pregação do Batista:

João dizia às multidões que chegavam a ele para serem batizadas: “Crias de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira que está para chegar? Produzi, pois, frutos dignos de vosso arrependimento... As multidões lhe perguntavam: “Que devemos fazer?”. João respondia: “Quem tiver duas túnicas, reparta com quem não tem, e quem tiver comida, faça o mesmo!” Alguns publicanos vieram para o Batismo e perguntaram: “Mestre, que devemos fazer?”. Ele respondeu: “Não cobreis além do que foi estabelecido”. Alguns soldados também lhe perguntaram: “E nós, que devemos fazer?”. João respondeu: “Não maltrateis a ninguém, nem tomeis dinheiro à força e contentai-vos com o vosso soldo” (Lc 3,7-14).

O Evangelho permite ver o que distingue, neste ponto, a pregação do Batista daquela de Jesus. O salto de qualidade é expressado do modo mais claro pelo próprio Jesus:

A Lei e os Profetas vigoraram até João! A partir de então, o Reino de Deus é anunciado; e cada um se esforce para entrar nele (Lc 16,16).

Devemos tomar cuidado com contraposições simplicistas entre Lei e Evangelho. Logo após a afirmação acima citada, Jesus (ou, mais provavelmente, o próprio evangelista) acrescenta: “Ora, é mais fácil passar o céu e a terra do que cair uma só vírgula da Lei” (Lc 16,17). O Evangelho não abole a lei, isto é, concretamente, os mandamentos de Deus; mas inaugura uma relação nova e diversa com eles, um modo novo de observá-los.

O que é novo é a ordem entre o mandamento e o dom, isto é, entre a lei e a graça. À base da pregação do Batista está a afirmação: “Convertei-vos e o reino de Deus virá a vós!”; à base da pregação de Jesus está a afirmação: “Convertei-vos, pois o reino de Deus veio a vós!” (recordemos a afirmação de Jesus acima citada: “A Lei e os Profetas vigoraram até João! A partir de então, o Reino de Deus é anunciado; e cada um se esforce para entrar nele”).

Não é uma diferença apenas cronológica, como entre um antes e um depois; trata-se de uma diferença também axiológica, isto é, de valor. Quer dizer que não é a observância dos mandamentos que permite ao reino de Deus vir; mas é a vinda do reino de Deus que permite a observância dos mandamentos. Os homens não mudaram improvisamente e se tornaram melhores, de modo que o Reino pôde vir sobre a terra. Não, eles são os de sempre, mas foi Deus quem, na plenitude dos tempos, enviou o seu Filho, dando-lhes assim a possibilidade de mudar e viver uma vida nova.

“Pois a Lei foi dada por meio de Moisés; a graça [de observá-la, entende-se] e a verdade vieram por Jesus Cristo”, escreve o evangelista João (Jo 1,17). Amar a Deus com todo o coração é “o primeiro e maior mandamento”; mas a ordem dos mandamentos não é a primeira ordem, ou o primeiro nível: acima dele, está a ordem do dom: “Nós amamos, porque ele nos amou primeiro” (1Jo 4,19).

É interessante ver como esta novidade de Cristo se reflete na atitude diversa do Batista e de Jesus em relação aos chamados “pecadores”. João, nós ouvimos, aborda os pecadores que vão até ele com palavras de fogo. É Jesus mesmo que faz notar a diferença, neste ponto, entre ele e o Precursor: “Veio João, que não come nem bebe e dizem: ‘Tem um demônio’. Veio o Filho do Homem, que come e bebe, e dizem: ‘É um comilão e beberrão, amigo de publicanos e de pecadores” (Mt 11,18-19; cf. Lc 7,34). “Por que vosso mestre come com os publicanos e pecadores?”, diziam os fariseus aos seus discípulos (Mt 9,11).

Jesus não espera que os pecadores mudem de vida para poder acolhê-los; mas os acolhe, e isso leva os pecadores a mudar de vida. Todos os quatro Evangelhos – Sinóticos e João – são unânimes nisso. Jesus não espera que a Samaritana ponha em ordem a sua vida privada, antes de entreter-se com ela e até mesmo lhe pedir para lhe dar de beber. Mas assim fazendo, mudou o coração daquela mulher, que se torna uma evangelizadora em meio ao seu povo. O mesmo acontece com Zaqueu, com o publicano Mateus, com a pecadora anônima que lhe beija os pés na casa de Simão e com a adúltera.

Não podemos tirar uma norma absoluta a partir desses exemplos (Jesus era Jesus e lia nos corações; nós não somos Jesus!). a Igreja não pode prescindir, contudo, do seu estilo, sem nos encontrar ao lado de João Batista, ao invés do de Cristo. Jesus reprova o pecado infinitamente mais do que possam fazê-lo os mais rígidos moralistas, mas propôs no Evangelho um novo remédio: não o afastamento, mas a acolhida. A mudança de vida não é a condição para nos aproximar de Jesus nos Evangelhos; contudo, deve ser o resultado (ou ao menos o propósito) depois de termos nos aproximado dele. A misericórdia de Deus, de fato, é incondicional, mas não é sem consequências!

Sobre este ponto, a Santa Mãe Igreja tem muito que aprender das mães e dos pais de família de hoje. Todos nós conhecemos os dramas que dilaceram tantos pais de hoje: filhos que, apesar do seu bom exemplo de vida cristã e de seus bons conselhos, tomam um caminho diferente do deles, destruindo a si mesmos com as drogas, abuso do sexo, escolhas precipitadas que se revelam equivocadas e frequentemente trágicas...

Será que, por isso, eles lhes fecham a porta à face e os expulsam de casa? Não podem fazer nada a não ser respeitar sua escolha, como a respeita Deus antes deles, e continuar a amá-los. Esta situação dramática da sociedade se reflete naquela da Igreja. Somos chamados a escolher entre o modelo de João Batista e o modelo de Jesus, entre o dar a preeminência à lei, ou dá-la à graça e à misericórdia.

Há um ponto sobre o qual não se há de escolher, porque João e Jesus estão completamente de acordo. Sobre ele também nós deveríamos levantar a voz, sem deixar que seja apenas o papa a fazê-lo. Trata-se daquele que João exprime com as palavras: “Quem tiver duas túnicas, reparta com quem não tem, e quem tiver comida, faça o mesmo” (Lc 3,11) e que Jesus inculca com a parábola do rico epulão e com a descrição do juízo final em Mateus 25.

#### **João Batista, “profeta e mais que profeta”**

Passemos agora ao segundo papel, ou título, de João Batista. Ele – eu dizia – não é só um moralista e um pregador de penitência; é também e sobretudo um profeta: “E tu, menino, serás chamado profeta do Altíssimo” (Lc 1,76). Jesus o define até mesmo “mais que um profeta” (Lc 7,26).

Em que sentido, poderíamos nos perguntar, João Batista é um profeta? Onde está a profecia no seu caso? Os profetas anunciavam uma salvação futura. Mas João Batista não anuncia uma salvação futura; ele aponta para alguém que está presente. Em que sentido, então, pode ser chamado de profeta? Isaías, Jeremias, Ezequiel, ajudavam o povo a superar e ultrapassar a barreira do tempo; João Battista ajuda o povo a ultrapassar a barreira, ainda mais espessa, das aparências contrárias. O Messias tão aguardado, aquele anunciado pelos profetas, prometido nos Salmos, seria, portanto, aquele homem de aparência tão humilde?

É fácil crer em algo grandioso, divino, quando nos projetamos em futuro indefinido – “naqueles dias”, “nos últimos dias”... –, em um quadro cósmico, com os céus que orvalham doçura e a terra que se abre para fazer brotar o Salvador. Mais difícil é quando se deve dizer: “Agora! Está aqui! É este!”. O homem é imediatamente tentado em dizer: “Isso é tudo? “De

Nazaré – diziam – pode sair algo de bom?”. “Este, porém, sabemos de onde é”.

É o escândalo da humildade de Deus que se revela “sob aparências contrárias”, para confundir o orgulho e “a vontade de potência” dos homens. Acreditar que o homem que há pouco viram comer, talvez até bocejar ao despertar, é o Messias, o aguardado por todos; acreditar que chegamos ao porquê da história: isso requeria uma coragem profético maior do que a de Isaías. Trata-se de uma tarefa sobre-humana; compreende-se a grandeza do precursor e porque é definido “mais que um profeta”.

Todos os quatro Evangelhos põem em evidência a dúplici veste de João Batista, a de moralista e a de profeta. Mas, enquanto os Sinóticos insistem mais sobre a primeira, o Quarto Evangelho insiste mais sobre a segunda. João Batista é o homem do “Ei-lo!”. “Foi dele que eu disse... Eis o Cordeiro de Deus!” (Jo 1,15.29). Que arrepio deve ter corrido pelo corpo daqueles que, com estas palavras ou outras semelhantes, receberam por primeiro a revelação. Era como uma passagem de insígnias: passado e futuro, espera e cumprimento se tocavam.

O que João Batista nos ensina como profeta? Creio que ele nos tenha deixado de herança a sua tarefa profética. Ao dizer: “No meio de vós está quem vós não conheceis!” (Jo 1,26), inaugurou a nova profecia cristã que não consiste em anunciar uma salvação futura, mas em revelar uma presença escondida, a presença de Cristo no mundo e na história, em rasgar os véus dos olhos das pessoas, quase gritando, com as palavras de Isaías: “Ainda não percebeis?” (Is 43,19).

Jesus disse: “Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos”. Ele está em meio a nós; está no mundo e o mundo, também hoje, após dois mil anos, não o reconhece. Há uma frase de Cristo que tem sempre inquietado os fiéis. “O Filho do homem, porém, encontrará fé sobre a terra?” (Lc 18,8). Mas Jesus não fala aqui da sua vinda no fim do mundo. Nos chamados discursos escatológicos, frequentemente cruzam duas perspectivas: a da vinda final de Cristo e a da sua vinda como ressuscitado, glorificado e reivindicado pelo Pai, que Paulo define a sua vinda “com poder, segundo o Espírito de santidade” (Rm 1,4), em contraste com a vinda anterior “segundo a carne”. É se referindo a esta vinda segundo o Espírito,

que Jesus pode dizer: “Não passará esta geração até que tudo isso aconteça” (Mt 24,34).

Por isso, aquela frase inquietante de Jesus não interpela os nossos descendentes, aqueles que viverão no momento do seu retorno final como juiz; interpela os nossos antepassados e interpela os nossos contemporâneos, incluindo nós. Apesar da sua ressurreição e dos prodígios que acompanharam o início da Igreja, Jesus encontrou fé entre os seus? Apesar de dois mil anos da sua presença no mundo e todas as confirmações da história, ainda encontra fé sobre a terra, especialmente entre os chamados “intelectuais”?

A tarefa profética da Igreja será a mesma de João Batista, até o fim do mundo: sacudir cada geração da sua terrível distração e cegueira que impede reconhecer e ver a luz do mundo. É esta a tarefa perene da evangelização. No tempo de João, o escândalo derivava do corpo físico de Jesus; da sua carne tão semelhante à nossa, exceto o pecado. Também hoje é o seu corpo, a sua carne a escandalizar: o seu corpo místico, a Igreja, tão semelhante ao resto da humanidade, não excluído nem mesmo o pecado. Como João Batista fez reconhecer Cristo sob a humildade da carne aos seus contemporâneos, assim é necessário hoje fazê-lo reconhecer na pobreza e na miséria da Igreja e da nossa própria vida.

#### **Uma evangelização nova no fervor**

São João Paulo II caracterizou a nova evangelização como uma evangelização – cito – “nova no fervor, nova nos métodos e nova nas expressões”. João Batista é mestre para nós sobretudo na primeira destas três coisas, o fervor. Ele não é um grande teólogo; tem uma cristologia bastante rudimentar. Ainda não conhece os mais altos títulos de Jesus: Filho de Deus, Verbo, e nem mesmo o de Filho do homem.

Usa imagens simplicíssimas. “Não sou digno – afirma – de desatar a correia da sua sandália...”. Mas, apesar da pobreza de sua teologia, como consegue fazer ouvir a grandeza e unicidade de Cristo! O mundo e a humanidade aparecem, das suas palavras, todos contidos como dentro de uma joieira, ou uma peneira, que ele, o Messias, segura e balança em suas mãos. Diante dele se decide quem fica e quem cai, quem é o bom grão e

quem é palha que o vento dispersa. O exemplo do Precursor nos diz que todos podem ser evangelizadores!

Comentando as palavras de São João Paulo II que recordei, alguém, a seu tempo, observou que a nova evangelização pode e deve ser, sim, nova “no fervor, no método e na expressão”, mas não nos conteúdos, que permanecem os de sempre e que derivam da revelação. Em outras palavras: que pode e deve haver uma nova evangelização, mas não um novo Evangelho.

Tudo isso é verdade. Não pode haver conteúdos total e verdadeiramente novos. Pode, contudo, haver conteúdos novos, no sentido de que, no passado, não eram enfatizados o bastante, que permaneceram na sombra, pouco valorizados. São Gregório Magno dizia: “Scriptura cum legentibus crescit” (Moralia in Job, 20,1,1), a Escritura cresce com quem a lê. E, em outro trecho, explica também o porquê. “De fato – afirma – alguém compreende [as Escrituras] tanto mais profundamente quanto mais profunda for a atenção que a elas dedica” (Hom in Ez. I,7,8). Este crescimento se realiza primeiramente em nível pessoal no crescimento em santidade; mas se realiza também em nível universal, à medida que a Igreja avança na história.

O que às vezes torna tão difícil aceitar o “crescimento” de que fala Gregório Magno é a pouca atenção que se dá à história do desenvolvimento da doutrina cristã das origens a hoje, ou um conhecimento muito superficial e manualístico dela. Tal história demonstra, de fato, que esse crescimento sempre houve, como demonstrou em um famoso ensaio o Cardeal John Newman.

A Revelação – Escritura e Tradição juntas – cresce conforme instâncias e provocações lhe são postas no curso da história. Jesus prometeu aos apóstolos que o Paráclito os teria guiado “a toda a verdade” (Jo 16,13), mas não precisou em quanto tempo: se em uma ou duas gerações, ou, ao invés – como tudo parece indicar –, por todo o tempo que a Igreja for peregrina sobre a terra.

A pregação de João Batista nos oferece a ocasião para uma observação atual e importante justamente a propósito deste “crescimento” da palavra de

Deus que o Espírito Santo opera na história. A tradição litúrgica e teológica pegou dele sobretudo o grito: “Eis o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!”. A Liturgia nos repropõe a cada Missa antes da comunhão, depois que o povo cantou por três vezes: “Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós”.

Na realidade, porém, esta é apenas metade da profecia do Batista sobre Cristo. Ele logo acrescenta, quase de um só fôlego, e em todos os quatro Evangelhos: “Ele vos batizará com o Espírito Santo!” (cf. Jo 1,33), e ainda: “Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo” (Mt 3,11). A salvação cristã não é, portanto, algo apenas de negativo, um “tirar o pecado”. É sobretudo algo de positivo: é um “dar”, um infundir: vida nova, vida do Espírito. É um renascimento.

A destruição do pecado parece a via e a condição para o dom do Espírito, que é o objetivo último, o dom supremo. O capítulo terceiro da Carta aos Romanos sobre a justificação do ímpio jamais deve ser desligado do capítulo oitavo sobre o dom do Espírito, com aquela mensagem libertadora que deveria ressoar mais frequentemente em nossa pregação: “Agora, portanto, já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus. Com efeito, a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, libertou-te da lei do pecado e da morte” (Rm 8,1-2).

Certo, este aspecto positivo jamais foi esquecido. Mas, talvez, nem sempre se insistiu o bastante sobre ele. Temos corrido o risco, na espiritualidade ocidental, de ver o cristianismo, sobretudo em chave “negativa”, como a solução do problema do pecado original; como algo, por isso, de sombrio e deprimente. Explica-se assim, ao menos em parte, a sua rejeição da parte de vastos setores da cultura, como aqueles representados por Nietzsche, na filosofia, e pelo dramaturgo norueguês Ibsen, na literatura. A maior atenção à ação do Espírito Santo e aos seus carismas que, há algum tempo, está em ato em todas as Igrejas cristãs, é um exemplo concreto da Escritura que “cresce com quem a lê”.

Os santos amam continuar, do céu, a missão que desempenharam quando vivos sobre a terra. Santa Teresa do Menino Jesus – de quem recorre este ano o 150º aniversário do nascimento – pôs isso como uma espécie de condição a Deus para ir ao céu. São João Batista ama, também

ele, ser ainda o precursor de Cristo, ama preparar-lhe os caminhos. Emprestemos-lhe a nossa voz!

Contemplando, na Deesis, o ícone do Precursor com as mãos estendidas para o Cristo e o olhar suplicante, a Igreja Ortodoxa lhe dirige esta oração, que podemos fazer nossa:

Aquela mão que tocou a cabeça do Senhor e com a qual nos indicastes o Salvador, estendei-a agora, ó Batista, para ele em nosso favor, em virtude daquela segurança de que largamente gozas, pois, segundo o seu próprio testemunho, vós fostes o maior de todos os profetas; dirigi a ele, ó Batista, os olhos que viram o Espírito Santo descido em forma de pomba, para que ele nos manifeste a sua graça.

## Segunda Pregação

### **“BEM-AVENTURADA AQUELA QUE ACREDITOU!”**

Depois do Precursor João Batista, hoje nos deixamos conduzir pela Mãe de Jesus para “entrarmos” no mistério do Natal. No Evangelho de domingo passado, o Quarto do Advento, ouvimos a narrativa da Anunciação. Ele nos recorda como Maria concebeu e deu à luz o Cristo e como podemos concebê-lo dá-lo à luz também nós, isto é, mediante a fé! Referindo-se a este momento, Isabel, pouco depois, exclamará: “Bem-aventurada aquela que acreditou” (Lc 1,45).

Repetiu-se, infelizmente, acerca da fé de Maria, o que acontecera com a pessoa de Jesus. Como os hereges arianos buscavam qualquer pretexto para pôr em dúvida a plena divindade de Cristo, os Padres da Igreja, para lhes tirar qualquer apoio, às vezes deram uma explicação “pedagógica” de todos aqueles textos do Evangelho que pareciam admitir um progresso de Jesus no conhecimento da vontade do Pai e na obediência a ela. Um destes textos era o da Carta aos Hebreus, segundo a qual Jesus “aprendeu o que significa a obediência, por aquilo que sofreu” (Hb 5,8), um outro, a oração de Jesus no Getsêmani. Em Jesus, tudo devia ser dado e perfeito em princípio. Como bons gregos, pensavam que o tornar-se não pode incidir sobre o ser das coisas.

Algo de semelhante, eu dizia, se repetiu, tacitamente, para a fé de Maria. Dava-se por pressuposto que ela tivesse cumprido o seu ato de fé no momento da Anunciação e nele tivesse permanecido estável por toda a vida, como quem com a sua voz, alcançou de uma vez a nota mais aguda e a mantém interruptamente por todo o resto do canto. Dava-se uma explicação reconfortante de todas as palavras que pareciam dizer o contrário.

O dom que o Espírito Santo deu à Igreja, com a renovação da Mariologia, foi a descoberta de uma dimensão nova da fé de Maria. A Mãe de Deus – afirmou o Concílio Vaticano II – “avançou pelo caminho da fé” (LG 58). Não acreditou de uma vez por todas, mas caminhou na fé e

progrediu nela. A afirmação foi retomada e tornada mais explícita por São João Paulo II na Encíclica *Redemptoris Mater*:

As palavras de Isabel: “Bem-aventurada aquela que acreditou” não se aplicam apenas àquele momento particular da Anunciação. Esta representa, sem dúvida, o momento culminante da fé de Maria na expectativa de Cristo, mas é também o ponto de partida, no qual se inicia todo o seu caminho para Deus, toda a sua caminhada de fé (RM 14)

Neste caminho, Maria chegou, escrevia o Papa, até a “noite da fé” (RM 17). São conhecidas e repedidas as palavras de Santo Agostinho sobre a fé de Maria:

“A Virgem Maria deu à luz crendo, aquele que tinha concebido crendo (“quem crendo peperit, crendo concepit”)... Depois que o anjo tinha falado, ela, cheia de fé, concebendo Cristo no coração antes que no ventre, respondeu: “Eis aqui a serva do Senhor! Faça-se em mim segundo a tua palavra”.<sup>[1]</sup>

Devemos completar a lista do que aconteceu depois da Anunciação e do Natal: pela fé, Maria apresentou o Menino no templo, pela fé o seguiu, mantendo-se à parte, em sua vida pública, pela fé esteve sob a cruz, pela fé aguardou a sua ressurreição.

Reflitamos sobre alguns momentos do caminho de fé da Mãe de Deus. Há fatos aparentemente contrastantes que Maria confronta dentro de si, sem compreender. É “o Filho de Deus” e deita em uma manjedoura! Ela conserva tudo em seu coração e deixa que fermente à espera. Ouvirá a profecia de Simeão e logo se dará conta do quanto era verdadeira! Todos os altos e baixos da vida do filho, todas as incompreensões, as progressivas deserções ao seu redor, tiveram uma profunda repercussão em seu coração de Mãe. Começa a fazer experiência dolorosa disso na perda de Jesus no templo: “Por que me procuráveis? Eles, porém, não entenderam...” (Lc 2,49).

Enfim, há a cruz. Está lá, impotente diante do martírio do filho, mas consente ao amor. É uma réplica do drama de Abraão, mas quão imensamente mais exigente! Com Abraão, Deus se detém no último

momento, com ela não. Aceita que o filho seja imolado, o entrega ao Pai, com o coração dilacerado, mas de pé, forte pela sua fé inabalável. É aqui que a voz de Maria alcança a nota mais alta. De Maria, deve-se dizer com maior razão o que o Apóstolo diz de Abraão: esperando contra toda esperança, Maria acreditou e, assim, tornou-se mãe de muitos povos (Rm 4,18).

Houve um tempo em que a grandeza de Maria era vista sobretudo nos privilégios que competiam para multiplicar, com o resultado de distanciá-la, ao invés de “associá-la” a Cristo, o qual se fizera “em tudo semelhante a nós”, nada excluído, nem mesmo a tentação, mas somente o pecado. O Concílio nos orientou a ver a sua grandeza sobretudo na sua fé, esperança e caridade. Afirma a *Lumen gentium*:

Concebendo, gerando e alimentando a Cristo, apresentando-O ao Pai no templo, padecendo com Ele quando agonizava na cruz, cooperou de modo singular, com a sua fé, esperança e ardente caridade, na obra do Salvador, para restaurar nas almas a vida sobrenatural. É por esta razão nossa mãe na ordem da graça (LG 61).

**“Acreditemos também nós!”**

A renovação da Mariologia operada pelo Vaticano II deve muito (talvez o essencial) a Santo Agostinho. Foi a sua autoridade que impulsionou alguns teólogos e depois a assembleia conciliar a inserir o discurso sobre Maria dentro da constituição sobre a Igreja, a *Lumen gentium*, ao invés de fazer um discurso à parte sobre ela. Partindo do princípio de que “o todo é superior à parte”, Agostinho escrevera:

Santa é Maria, bem-aventurada é Maria, mas mais importante é a Igreja do que a Virgem Maria. Por quê? Porque Maria é uma parte da Igreja, um membro santo, excelente, superior a todos os demais, mas um membro de todo o corpo. Se é um membro de todo o corpo, sem dúvida mais importante do que um membro é o corpo.<sup>[2]</sup>

Agora é o mesmo Santo Agostinho a nos sugerir a resolução a se tomar após termos percorrido brevemente o caminho de fé da Mãe de Deus. Ao final do seu discurso sobre a fé de Maria, ele dirige aos seus ouvintes uma

vibrante exortação que vale também para nós: “Maria acreditou, e o que acreditou se cumpriu nela. Acreditemos também nós, para que o que se cumpriu nela possa se cumprir também em nós!”.<sup>[3]</sup>

O IV centenário do nascimento de Blaise Pascal – que o Santo Padre quis recordar à Igreja com a sua Carta Apostólica de 19 de junho passado – nos ajuda a dar um conteúdo atual à exortação: “Acreditemos também nós”. Entre os “Pensamentos” mais famosos de Pascal, há o seguinte:

*Le coeur a ses raisons que la raison ne connaît point.* O coração tem suas razões que a razão não conhece [...]. *C'est le coeur qui sent Dieu et non la raison.* O coração, e não a razão, sente Deus. Assim é a fé: Deus sentido pelo coração e não pela razão.<sup>[4]</sup>

Esta afirmação é ousada, mas tem o mais fidedigno fundamento possível, o da Sagrada Escritura! O apóstolo Paulo conhece e usa frequentemente a palavra nous, que corresponde ao moderno conceito de mente, inteligência ou razão; mas, falando da fé, não diz “*mente creditur*”, com a mente se crê; diz *corde creditur* (*kardia gar pisteuetai*), com o coração se crê (Rm 10,19).

Deus “é sentido pelo coração e não pela razão”, como afirma Pascal, pelo simples motivo de que “Deus é amor” e o amor não se percebe com o intelecto, mas com o coração. É verdade que Deus é também verdade (“Deus é luz”, escreve João em sua mesma Primeira Carta) e a verdade se percebe com o intelecto; mas, enquanto o amor supõe o conhecimento, o conhecimento não supõe necessariamente o amor. Não se pode amar sem conhecer, mas se pode conhecer sem amar! Bem o sabe uma civilização a nossa, orgulhosa de ter inventado a inteligência artificial, mas tão pobre de amor e compaixão.

Não são, infelizmente, “as razões do coração” de Pascal que plasmaram o pensar laico e teológico dos últimos três séculos, mas sim o “penso, logo existo” (*cogito ergo sum*) do seu compatriota Descartes, ainda que contra a intenção deste, que era e permaneceu sempre um piedoso cristão e um fiel (lembro de ter lido o seu nome na lista dos peregrinos famosos ao Santuário de Nossa Senhora de Loreto).

A consequência foi que o racionalismo dominou e ditou a norma, antes de chegar ao atual niilismo. Todos os discursos e debates que se fazem, também hoje, vertem sobre “Fé e Razão”, jamais, pelo que eu saiba, sobre “Fé e coração”, ou “Fé e vontade”. O próprio Pascal, contudo, em um outro pensamento, afirma que a fé é clara o bastante para quem quer crer, e bastante obscura para quem *não quer crer*.<sup>[5]</sup> Ela, em outras palavras, é uma questão de vontade, mais do que de razão e intelecto.

Gostaria, neste ponto, de acenar a uma segunda lição deixada a nós por Pascal e que o Santo Padre evidencia fortemente em sua Carta Apostólica: a centralidade de Cristo para a fé cristã: “Conhecemos Deus – escreve o filósofo – apenas por meio de Jesus Cristo. Sem este mediador, está excluída qualquer comunicação com Deus”.<sup>[6]</sup> E, no chamado Memorial, eco de uma memorável noite de luz, ele exclama: “o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, não dos filósofos nem dos eruditos... é encontrado apenas pelas vias ensinadas pelo Evangelho”.

Pascal é frequentemente citado a propósito do “risco calculado”, ou da aposta vantajosa. Na incerteza, escreve, aposte na existência de Deus, pois “se vencer, você venceu tudo, se perder, não perdeu nada”: “*Si vous gagnez, vous gagnez tout ; si vous perdez, vous ne perdez rien*”.<sup>[7]</sup> Mas o verdadeiro risco da fé – também ele sabe disso – é outro: é aquele de pôr Jesus Cristo entre parênteses. Um risco de longa data! Repensemos sobre o que aconteceu em Atenas, na ocasião do memorável discurso proferido pelo apóstolo Paulo no Areópago (At 17,16-33).

O Apóstolo começa falando do Deus único que criou o universo e do qual “somos até sua linhagem”. Os presentes captam a alusão ao verso de um poeta seu e o acompanham com atenção. Mas eis que Paulo chega ao ponto. Fala de um homem que Deus designou como juiz universal, dando prova disso ao ressuscitá-lo dos mortos. Acabou o encanto! “Quando ouviram falar da ressurreição dos mortos, alguns zombavam. Outros diziam: ‘A respeito disso, te ouviremos em outra ocasião’” (At 17,32).

O que foi que os perturbou tanto? Certo, a ideia da ressurreição dos mortos, tão contrária ao que, no mesmo lugar, ensinara Platão: o corpo é “a tumba da alma”, não vale a pena carregá-lo também após a morte. Mas

talvez lhes tenha desconcertado ainda mais o fato de fazer o destino da humanidade depender de um único evento histórico e de um homem concreto. Um século depois, o filósofo platônico Celso jogará à face dos cristãos os motivos do escândalo dos gregos: “Filho de Deus um homem que viveu há poucos anos? Alguém de ontem ou anteontem? Um homem nascido de uma pobre fiandeira em um vilarejo da Judeia?”.<sup>[8]</sup>

O verdadeiro risco da fé é aquele de se escandalizar com a humanidade e a humildade de Cristo. Foi o maior obstáculo que Agostinho teve que superar para aderir à fé: “Não sendo humilde, eu não conseguia aceitar como meu Deus o humilde Jesus”, escreve nas *Confissões*.<sup>[9]</sup> Jesus falara da possibilidade de “se escandalizar” por causa dele, em razão da sua distância da ideia que os homens tinham feito do Messias, e concluía dizendo: “E bem-aventurado quem não se escandaliza por causa de mim!” (Mt 11,2-6).

O escândalo hoje é menos ostentado do que aquele dos areopagitas, mas não menos presente entre os intelectuais. O efeito – mais danoso do que a rejeição – é o silêncio sobre ele. Tenho acompanhado, na internet, muitos debates de alto nível sobre a existência ou não de Deus: quase nunca era pronunciado neles o nome de Jesus Cristo. Como se ele não coubesse no discurso sobre Deus!

Deve ser este o nosso empenho principal no esforço pela evangelização. O mundo e seus meios de comunicação – eu dizia em outra ocasião, nesta mesma sede – fazem de tudo (e infelizmente conseguem!) para manter separado, ou silenciado, o nome de Cristo em todo seu discurso sobre a Igreja. Nós devemos fazer de tudo para mantê-lo obstinadamente presente. Não para nos abrigar por detrás dele e calar nossos fracassos, mas porque é ele “a luz dos povos”, o “nome que está acima de todo nome”, “a pedra angular” do mundo e da história.

#### **Voltar ao coração!**

Voltemos, para terminar, à palavra de Pascal sobre Deus que “se sente com o coração”. Não mais para fazer disso objeto de considerações históricas e teológicas, mas pessoais e práticas. Pascal foi um fervoroso discípulo de Santo Agostinho, até, infelizmente, a compartilhar também

algum excesso e erro, coma aquele, repropsto pelos Jansenistas, da dupla predestinação divina, à glória ou à danação! Também o apelo de Pascal ao coração ressoa a influência do Doutor de Hipona. Comentando o versículo de Isaías: “Lembraí-vos disso e envergonhai-vos, guardai-o no coração, ó rebeldes (*redite, praevaricatores ad cor*)” (Is 46,8, Vulgata), em um discurso ao povo, Santo Agostinho dizia: Voltai ao vosso coração!... Voltai de vossa errância que vos levou para fora do caminho; voltai ao Senhor. Ele está pronto. Volta antes ao teu coração, tu que te tornaste estranho a ti mesmo, por força de ir afora: não te conheces a ti mesmo, e buscas aquele quem te criou! Volta, volta ao coração, separa-te do corpo... Volta ao coração: lá, examina o que talvez percebas de Deus, pois lá se encontra a imagem de Deus; na interioridade do homem habita Cristo.<sup>[10]</sup> O homem envia as suas sondas até a periferia do sistema solar e além, mas ignora o que acontece a milhares de metros sob a crosta terrestre, daí a dificuldade em prever os terremotos. É uma imagem do que acontece no âmbito do espírito, em nossa própria vida. Vivemos todos projetados ao exterior, ao que acontece ao nosso redor, desatentos ao que acontece dentro de nós. O silêncio causa medo.

#### Greccio, 1223

No Natal deste ano recorre o VIII centenário da primeira realização do presépio em Greccio. É o primeiro dos três centenários franciscanos, o qual seguirão, em 2024, o dos Estigmas do santo e, em 2026, o da sua morte. Também esta circunstância pode nos ajudar a voltar ao coração. O seu primeiro biógrafo, Tomás de Celano, refere as palavras com que o Pobrezinho explicava a sua iniciativa: “Quero lembrar o menino que nasceu em Belém, os apertos que passou, como foi posto num presépio, e contemplar com os próprios olhos como ficou em cima da palha, entre o boi e o burro”.<sup>[11]</sup>

Infelizmente, com o passar do tempo, o presépio se afastou daquilo que representava para Francisco. Tornou-se, frequentemente, uma forma de arte ou de espetáculo do qual se admira a montagem externa, mais do que o significado místico. Ainda assim, contudo, ele desempenha a sua função de sinal e seria tolo renunciar a ele. Em nosso Ocidente, multiplicam-se as iniciativas para eliminar das solenidades natalinas toda referência

evangélica e religiosa, reduzindo-o a uma mera e simples festa humana e familiar, com tantas fábulas e personagens inventados no lugar dos verdadeiros personagens do Natal. Alguém gostaria de mudar até mesmo o nome da festa.

Um dos pretextos é favorecer, deste modo, a convivência pacífica com fiéis de outras religiões, na prática, com os muçulmanos. Na realidade, este é o pretexto de um certo mundo laicista que não quer estes símbolos, não dos muçulmanos. No Alcorão, há uma Sura dedicada ao nascimento de Jesus que vale a pena conhecer. Diz:

E quando os anjos disseram: “Ó Maria, por certo que Deus te anuncia o seu Verbo, cujo nome será o Messias, Jesus [‘Isà], filho de Maria, nobre neste mundo e no outro... Falará aos homens, ainda no berço, bem como na maturidade, e se contará entre os virtuosos”. Perguntou: “Ó Senhor meu, como poderei ter um filho, se mortal algum jamais me tocou?”. Disse-lhe o anjo: “Assim será, Deus cria o que deseje, posto que quando decreta algo, diz: ‘Seja!’. E é.<sup>[12]</sup>

Uma vez, no tempo que, no sábado ao entardecer, eu explicava o Evangelho dominical no programa da RAI “A Sua Immagine”, pedi esta sura fosse lida por um muçulmano, que se disse feliz em contribuir, desse modo, para dissipar um equívoco que os prejudica, com o pretexto de favorecê-los. A veneração com que o Alcorão recorda o nascimento de Jesus e o lugar que a Virgem Maria nela ocupa teve, há alguns anos, um reconhecimento inesperado e clamoroso. O Emir de Abu Dhabi decidiu dedicar a Mariam, Umm Eisa, “Maria, Mãe de Jesus”, a belíssima mesquita do emirado, que antes portava o nome do seu fundador, o Xeique Mohammad Bin Zayed.

O presépio é, portanto, uma tradição útil e bela, mas não podemos nos contentar com os tradicionais presépios externos. Devemos montar para Jesus um presépio diverso, um presépio do coração. *Corde creditur*: crê-se com o coração. *Christum habitare per fidem in cordibus vestris*: que Cristo venha habitar em vossos corações pela fé (Ef 3,17). Maria e o seu Esposo continuam, misticamente, a bater às portas, como fizeram naquela noite em Belém. No Apocalipse, é o Ressuscitado em pessoa que diz: “Eis que estou à porta e bato” (Ap 3,20). Abromos-lhe a porta do nosso coração. Façamos

dele um berço para o Menino Jesus. Que sintam, no frio do mundo, o calor do nosso amor e da nossa infinita gratidão de redimidos!

Esta não é uma bela e poética ficção; é a mais árdua empresa da vida. Em nosso coração, de fato, há lugar para muitos hóspedes, mas apenas para um dono. Deixar Jesus nascer significa deixar morrer o próprio “eu”, ou ao menos renovar a decisão de não mais viver para nós mesmos, mas por Aquele que nasceu, morreu e ressuscitou por nós (cf. Rm 14,7-9). “Onde nasce Deus, morre o homem”, afirmou um certo existencialismo ateu. É verdade! Morre, porém, o homem velho, corrompido e destinado, em todo caso, a terminar com a morte, e nasce o homem novo, “criado em justiça e santidade da verdade” (Ef 4,24). É uma empresa que não terminará com o Natal, mas pode começar com ele.

Que a Mãe de Deus, que “concebeu Cristo no seu coração antes que no seu corpo”, nos ajude a realizar este propósito.

Feliz aniversário a Jesus – e Feliz Natal a todos: Santo – e amado – Padre, Papa Francisco, venerados Padres, irmãos e irmãs!

## NOTAS

- [1] Cf. Agostinho, *Discursos*, 215,4.
- [2] Cf. Agostino, Discurso 72,7 (*Miscellanea Agostiniana*, I, Roma 1930, p.163).
- [3] Cf. Agostino, *Discursos*, 215,4.
- [4] Cf. *Pensamentos*, 277-278, ed. Brunschvicg.
- [5] Cf. *Pensamentos*, 430, ed. Br.
- [6] Cf. *Pensamentos*, n. 221, Br.
- [7] Cf. *Pensamentos*, 233, Br.
- [8] Cf. Orígenes, *Contra Celso*, I, 26.28; VI, 10.
- [9] Cf. Agostinho, *Confissões*, VII, 18,24.
- [10] Cf. Agostinho, *Tratados sobre o Evangelho de João*, 18,10.
- [11] Cf. Tomás de Celano, *Primeira Vida*, 84-86.
- [12] Alcorão, Sura III, 45-47.